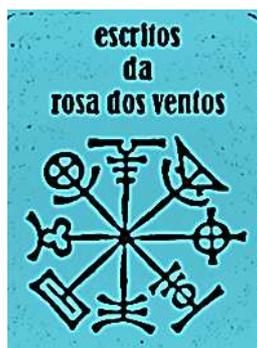


ENCONTRO COM MARTIN BUBER
um diálogo entre João-Francisco entre João-Francisco Régis de
Moraes e Carlos Rodrigues Brandão
em algum dia de algum ano
em Uberaba



***Este escrito foi originalmente
um capítulo de livro
ou um artigo publicado ou utilizado
para aulas e palestras.
Nesta versão “nas nuvens”
ele pode ser livre
e gratuitamente acessado
para ser lido ou utilizado
de alguma outra maneira.
Livros e outros escritos meus
podem de igual maneira
ser acessados livremente em
www.apartilhadavida.com.br
ou em
www.sitiodarosadosventos.com.br
LIVRO LIVRE***

Carlos Rodrigues Brandão (CRB) - Bom dia a todas e a todos os presentes. Régis e eu falamos um pouquinho sobre educação em sala de aula. Então, para este momento, eu disse assim a ele: “olha, nós vamos de dupla sertaneja; nós dois. os juntos. Mas você faz a viola e vai na primeira voz, e eu vou de violão e na segunda voz. Então, com a palavra a primeira voz, o professor Régis de Moraes

João-Francisco Régis de Moraes (RM) - O nosso encontro nessa manhã é em torno dessa figura marcante... mais do que marcante. Essa figura grandemente impressionante que é a de um filósofo austríaco, vienense, de ascendência e religião judaicas: Martin Buber. Eu sei, pelo Brandão, que há um grupo que já há um bom tempo se reúne aqui em torno do pensamento de Buber. E ele como que coordena os trabalhos desse grupo. Ele o motiva ou, na linguagem mais comum de agora, é o facilitador desses encontros sobre Martin Buber. De modo que, sem saber exatamente em que ponto cada qual aqui está – pode haver aqui pessoas que já estão bem avançadas em Buber exatamente por pertencerem a esse “Grupo de Encontros, e pode haver pessoas que não pertencem a esse grupo. Assim, eu vou fazer uma abordagem a respeito de Buber que significará uma tomada geral não só do pensador, a partir do pensamento, mas antes até, a partir da figura humana que foi Martin Buber.

Esse ser humano extraordinariamente impressionante, diziam os seus contemporâneos que o conheceram mais de perto, como o filósofo e cientista Gaston Bachelard, como o existencialista Gabriel Marcel, um filósofo francês. Eles o conheceram, conviviam com Buber, e diziam que quem quisesse ter a exata noção do que ele falava sobre a plenitude do *encontro humano*, era só estar com ele. Era simplesmente conhecê-lo. Porque, apesar de ser uma pessoa muito circunspeta, uma pessoa muito séria, de não rir muito, ele era de um olhar, de um modo e de uma densidade diante do outro tão presente em si mesmo, ali, junto da outra pessoa que, dizia Gaston Bachelard, ele era a própria expressão do *encontro*, da plenitude do *encontro*.

Primeiramente eu queria dizer que Martin Buber, embora não fosse um “carola”, uma pessoa religiosa demais, ou um maníaco por religião, embora não fosse excessivamente apegado a fundamentos, a hábitos religiosos, ele apresenta em seu pensamento uma enorme densidade mística. É muito forte em seu pensamento a presença da mística hebraica. E, interessantemente, essa mística hebraica vem fecundada, de uma certa forma, através da convivência que em Berlim ele teve, por cinco longos anos, com os cristãos. A ponto de ele falar em *Teoria da Graça* no encontro humano como uma expressão cristã.

Mas o fato é que Buber nunca apreciou instituições religiosas. Na verdade ele nunca apreciou escolas de sinagoga; nunca lhe caiu muito bem essa coisa de sacerdócio, essa coisa de rabinato. Ele nunca pretendeu fazer-se um rabino em sua religião. E eu, no pouco do que eu tenho estudado de Buber, ao longo de um tempo considerável - porque é preciso

muito tempo para se penetrar em tudo o que oferece o pensamento de Martin Buber - cada vez mais me convenço de que o fundamento da compreensão do pensamento de Martin Buber está na terceira parte do *“Eu e Tu”*, o seu livro mais conhecido.

E é quando ele estabelece a relação eu-tu-eterno, na e como relação com o absoluto. E eu queria frisar isso tudo lembrando de por uma queixa que eu fazia aos meus professores, na minha graduação de Filosofia. Porque eu vivi dentro de faculdade numa época em que ter uma fé, ou dizer que se tinha uma fé, era motivo para ser olhado como um dinossauro, como uma espécie em extinção. Foi então que alguns de nós: alguns protestantes, outros católicos, outros espíritas, alguns apenas cristãos, a seco, quando dizia na faculdade dos anos 60: “eu tenho tal fé”, as outras pessoas olhavam assim, esquisitamente para nós. E diziam: “Ele ainda é desse tempo!” Ou diziam: “ele ainda é do tempo em que o pessoal tinha fé.” Porque éramos herdeiros do século XIX, que é chamado pelos historiadores de “o século dos materialismos”; pois toda a primeira metade do século XX e parte até da década de sessenta foi, ou pelos menos posou de ser materialista, profundamente.

Então, o que acontecia com os meus professores? Eles explicavam muitíssimo bem a primeira parte do pensamento de Buber, aquela referente às relações objetais, à relação com as coisas; à relação com o cenário geográfico; à relação com os objetos, às relações objetais, inclusive, entre os seres humanos. Depois explicavam magnificamente o que há de mais rico no pensamento de Buber em termos de relações inter-humanas: as relações pessoais: Eu – Tu. E, era engraçado, quase todos eles, quando chegavam na terceira parte, a parte da relação com o Tu-Eterno diziam: “isso aí vocês leiam em casa, e se tiverem algumas questão sobre o caso, vocês levantam”. Até parece que eles não estavam querendo desagradar o meio marcadamente materialista da época.

Então, na realidade foi graças a conversas iniciais muito preciosas que eu tive com o professor Aquiles von Zubben, que é um dos tradutores do *“Eu e Tu”*, e também com o nosso Rubem Alves, aí sim eu comecei a compreender a dimensão do “Eu-Tu-Absoluto”. E, aí sim, eu vim a descobrir que não tinha entendido direito a relação objetal e a relação pessoal. Eu não a tinha entendido na sua plenitude, exatamente porque a plenitude só se alcança lá no final. Lá no momento em que Buber aborda a questão da relação entre cada um de nós com Deus; com o Absoluto; com o transcendente, como queriam chamá-lo.

Ora, antes de voltar a este tema, eu queria que me fosse permitido lembrar as raízes da trajetória filosófica de Martin Buber. Agrada-me muito quando um filósofo espanhol, Miguel de Unamuno, diz que é preciso nós nunca esquecermos de que os filósofos são feitos de carne e osso, e têm uma história de vida. E que é a partir da história de vida de um filósofo que se torna mais fácil e mais profundo compreendê-lo.

Então eu quero, neste primeiro momento, falar um pouco desse ser humano: Martin Buber. Ele nasceu no século XIX, em 1878, em Viena. Viveu bastante, porque só veio a falecer em 1965; portanto viveu 87 anos. Em Jerusalém ele viveu os últimos tempos da sua vida

como professor de uma disciplina cujo nome ele próprio criou, e cuja estrutura ele fundou na Universidade Hebraica de Jerusalém. E ela tinha o nome de: *Antropologia Pedagógica*. Já aos seis anos de idade ele demonstrava ser uma criança especialmente inteligente e muito sensível. E ele teve que assistir ao divórcio dos seus pais. Vejam vocês, se isso hoje socialmente ficou comum – porque para os filhos nunca é comum, para os filhos sempre é traumático - mas se isso que hoje ficou socialmente comum, naquela época, século XIX, era um verdadeiro desastre nacional um divórcio. Era uma verdadeira hecatombe na vida de uma família. E ele foi terrível, do ponto de vista emocional, para aquela criança do século XIX.

É interessante que mais tarde Buber diria que veio a perceber que todo o seu pensamento, um pensamento que se volta para a possibilidade de diálogo - que é um *pensamento dialógico* que se volta amorosamente para as relações inter-humanas - nasceu daquele momento de angústia de uma criança que um dia se colocou essa questão: como compreender que pessoas de tão boa qualidade humana - como eram os pais de Buber - não lograssem o diálogo? Não alcançassem dialogar, no sentido mais rico que essa palavra tem.

Na verdade o pensamento de Buber desdobra-se a partir disso. Ele é chamado “o filósofo do diálogo”, “o filósofo das relações humanas”. E, repito, isso tem, como primeiro nascedouro, como primeira semente, o divórcio entre os seus pais. Depois de os seus pais se divorciarem ele teve que ir viver com o avô e a avó. O avô, embora sendo um comerciante, era um homem de negócios muito culto. E ele foi morar com o avô em Leinberg, na Polônia, naquela época chamada de Galícia.

O avô tinha o nome de Salomão Buber E saibam que era especialmente interessante essa figura de um avô que teve uma influência enorme sobre Buber, tanto quanto a da avó. Porque esses judeus, Salomão Buber e a sua esposa, muito ao contrário de serem ortodoxos, muito ao contrário de aderirem à vertente ortodoxa do judaísmo, sempre professaram a chamada Haskalah, que era o modo de ser judeu da ala mais liberal, mais disposta a dialogar com outras concepções religiosas vigoravam no judaísmo de então.

A infância de Buber é muito marcada pela figura dos avós, principalmente pela figura do avô, Salomão Buber. Ele tinha com o pequeno Martin conversas nem sempre muito apropriadas para se ter com uma criança. Conversas que, no entanto possuíam uma densidade que ela frutificou e se desenvolveu muito naquela criança. O avô havia percebido que tinha diante dele um filho do filho que era especialmente inteligente. Uma pessoa ultra sensível e, que era, portanto, uma pedra preciosa a ser burilada, trabalhada direitinho.

E o avô fez isto na medida de suas limitações. Mas também na medida de sua grande boa vontade para realizar esse trabalho. E esse menino meio sofrido, meio marcado pelo divórcio, volta a viver com o pai aos quatorze anos de idade. E é mais ou menos nessa

época que ele passa por uma enorme crise íntima. Buber passa por uma profunda crise existencial e de pensamento, já entre quatorze, dezesseis, dezessete anos. E ele cogita mesmo de se suicidar. Ele pensa seriamente na hipótese do suicídio, na possibilidade do suicídio. Foi de tal maneira forte a crise vivida por Buber, foi de tal maneira impactante aquele momento da sua adolescência, que ele cogitou até de se matar. E não pelo fato de haver ido morar com o pai, pois o pai foi outra influência importante na vida dele, como um homem culto, um homem que lhe propiciou uma biblioteca considerável para um adolescente, oferecendo-lhe muitos dos seus livros e possibilitando a Buber comprar aqueles que ele desejasse.

Então nós vamos encontrar, depois dessa crise existencial Martin Buber já aos dezessete anos discutindo apaixonadamente com o pai sobre a obra do filósofo Kant: *Prolegômenos para toda a Metafísica Futura*, e discutindo apaixonadamente com o pai o poema de Nietzsche: *Assim falou Zaratustra*.

E ele diz: “Vivi como criança, vivi como adolescente. Tive os sofrimentos e as alegrias de criança e tive as alegrias e as crises de adolescência.” Não era nada de excepcional, apenas o que havia de excepcional eram as suas possibilidades intelectivas, as suas possibilidades de cognição e mesmo de reflexão em termos filosóficos.

A partir desses primeiros contatos com Kant e Nietzsche é que Buber se vê apaixonado pela filosofia e pela arte simultaneamente. Não que ele tivesse nessa época, com dezessete anos, idéia de que pudesse produzir arte. Mas ele era um grande apaixonado por pintura, apaixonado pela arte escultórica, pelas manifestações artísticas, pelos poetas. Então, ele queria ir para a universidade para lidar com isso: com Filosofia e Arte, pois essas eram suas paixões e ele as queria desenvolver. E, de fato, aos dezoito anos, matricula-se Martin Buber na Universidade de Viena. Nessa universidade ele se licencia em Filosofia e História da Arte. A sua formação fundamental era tanto a de filósofo, como de historiador da Arte.

A partir daí ele amplia as suas conversas com o pai e o avô. E o seu pai disse a ele: “eu acho que você deve prosseguir na sua carreira acadêmica, você me parece uma pessoa talhada para isso”. E o avô, concordando com o pai de Buber, que era seu filho, disse: “Penso igual, apenas com algumas coisas que quero acrescentar. Não acho que você deveria prosseguir a carreira de estudos aqui na Áustria. Acho que deveria ir para Berlim, para não perder a oportunidade de ser aluno de figuras como Jung ou Adler, e outras pessoas que foram muito marcantes no meio universitário mundial, e no meio universitário alemão”.

Então, Buber aceita a sugestão do pai e aceita a sugestão do avô, que inclusive o ajudou financeiramente. E ele foi para Berlim fazer seu doutorado. E é interessante que seu avô, um pouco antes de ele ir para Berlim, o chama e diz a ele:

Olha, você viveu como um garoto de família judia, festejando ou celebrando a páscoa dos judeus, fazendo as festas judaicas dentro dos ritos judaicos. Você não se espante, mas o meu conselho é que durante os anos que você passar em Berlim, meta-se no meio dos cristãos, procure entendê-los, procure entender o seu mundo, isso só vai significar enriquecimento. De certa maneira, ponha entre parênteses em que você é judeu durante o tempo que você estiver em Berlim, para que possa aproveitar bem aquela riqueza que vem do mundo cristão, das práticas cristãs também.

Muito atento a esses conselhos é que Buber segue para Berlim. E lá ele conviveu intensamente com luteranos e cristãos mais liberais, livres pensadores no sentido de cristãos apenas, não ligados a denominações confessionais. E, exatamente vai aparecer no pensamento de Buber a contribuição do pensamento cristão e da cultura cristã, posteriormente. Ele se doutora em Berlim, aos 26 anos já recebeu o título de doutor pela Universidade de Berlim.

Em algumas vezes ele ia repetir em uma correspondência extraordinária que manteve durante décadas com um grande amigo de nome Samuel Hugo Bergman, que o divórcio dos pais, aos seis anos de idade, e mais a reflexão sobre a situação dos judeus no mundo tinham sido os dois elementos fundamentais, as duas pedras basilares do seu pensamento posterior. Eis aí o porque de Buber ter se dedicado tanto, por toda a vida, à Filosofia e à Pedagogia do Diálogo.

O chamado pensamento *buberiano* é um pensamento *dialógico*. É uma filosofia dialógica, sobretudo no entre-guerras ele viveu muito e analisou muito a situação dos judeus entre a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais. Pois no entre-guerras ficou muito em carne viva a situação dos judeus, que após a diáspora se haviam espalhado, sobretudo, pela Europa. E Buber estava reunindo um enorme material, porque ele pretendia escrever um tratado filosófico sobre as relações inter-humanas, sobre as relações interpessoais, quando lhe chega às mãos um romance de um jovem escritor alemão, naturalizado suíço, de nome Herman Hesse. Chega-lhe às mãos o romance “Demian”, de Herman Hesse e Buber fica extasiado, porque tinha sido o seu primeiro contato com o expressionismo literário de língua alemã.

É preciso termos em conta que Buber nessa altura já era considerado um virtuoso da língua alemã. Ele tinha um virtuosismo no uso da língua alemã que era muito raro, uma coisa incomum. Ele era um artista no trabalho da língua alemã, e quando ele vê outro artista extraordinário como Herman Hesse, que escreve um romance expressionista, praticamente inaugurando em escala maior o expressionismo literário alemão, Buber pegou

todo o seu material e falou: “não, acho que não vou escrever nenhum tratado filosófico sobre as relações inter-humanas. Eu prefiro escrever um poema filosófico, um poema expressionista filosófico sobre a relação eu e tu.”

Assim nasceu a obra, que é dita central do pensamento de Buber, que é exatamente o livro “*Eu e Tu*”.

Eu tenho a primeira edição saída no Brasil do “*Eu e Tu*”. Pois em 1978 saiu no Brasil este livro notável, só com cinqüenta e poucos anos de atraso em relação à publicação europeia. E, mais complicado, teve que sair no Brasil sem a característica de poema filosófico. O tradutor, professor Aquiles Von Zubben foi para o sacrifício. Um professor que foi nosso colega, nosso amigo lá na UNICAMP. Pois tanto pediram a ele - porque ele passou vinte e cinco anos estudando Buber e lendo Buber no original, no alemão – tanto pediram a ele que fizesse a tradução do “*Eu e Tu*” que a reação dele foi a resposta: “mas eu não sou poeta! Traduzir poesia já é um trabalho terrível e eu, na condição de não poeta. Eu posso traduzir as idéias, mas a edição brasileira não será um poema propriamente.” E então os editores disseram assim: “antes assim do que nada, porque não temos o ‘*Eu e Tu*’, depois de cinqüenta e dois anos já publicado na Europa, nós não o temos no Brasil.” Então ele foi para o sacrifício e traduziu o “*Eu e Tu*”, nas suas idéias, muito fielmente. E a gente faz uma gozação enorme com ele até hoje, porque ele escreveu um ‘prefaciozinho’ de setenta e oito páginas, depois de traduzido o livro. Mas, na verdade é muito importante este texto que ele escreveu como *introdução ao pensamento de Buber*, à figura humana, às influências sofridas por Buber, aos interesses de Buber. Sobre como é que transcorreu o desenvolvimento desses interesses.

Com “*Eu e Tu*” Buber se celebra. Moço ainda, relativamente moço, pelo virtuosismo com que usava a língua alemã. Pois ele era um artista do idioma alemão e já se celebrizara também politicamente com as suas lutas pela criação do Estado de Israel; pela recuperação de uma nação para o povo judeu, até então espalhado pelo mundo. Mas, na realidade Buber quer, em toda essa trajetória é dedicar-se à Educação.

Faz tempo dediquei-me a saber as razões de sua luta por criar um lar para o povo judeu. E era muito curioso, porque ele que ajudou a criar o Estado de Israel, ele só foi um pouco mais tarde para colaborar lá, na Universidade Hebraica de Jerusalém. Primeiro, porque ele resistia um pouco a ser acadêmico. Ele fez um doutorado, mas ele tinha uma dificuldade de ser um acadêmico no sentido da palavra. Na realidade, ele era um comunicador, um animador social e ele tinha um pouco de dificuldade de ser acadêmico. Então ele demorou a ir para lá, para Israel, para a Universidade Hebraica de Jerusalém. E, quando ele anunciou que estava de mudança para Israel, um amigo, o seu mais dileto amigo que já estava em Jerusalém, escreveu-lhe uma carta curiosa dizendo: “Então, eu aconselho a você a parar de escrever e falar alemão e começar a praticar o mesmo virtuosismo na

língua hebraica, porque, embora muita gente tenha vindo de países de língua alemã para cá, aqui se procura falar o hebraico, o idish, as línguas de tradição hebraica.”

Ele não achou muita graça nisso não, porque ele falava bem o hebraico, mas o seu grande amor era pela língua alemã. E, exatamente porque ele não aceitou esse conselho, chegado lá em Jerusalém, lá em Israel, ele continuou sendo um estilista da língua alemã. Pois ele escrevia em alemão e fazia traduzir para o hebraico, porque ele sentia que escrevia melhor em alemão. Foi então que começaram os preconceitos. Alguns o viam como um esnobe, um esnobe que achava que cultura alemã era o que havia de fantástico sobre a face da Terra, e que não queria fazer a concessão de cultivar o hebraico com a mesma preciosidade com que cultivava o alemão.

E as suas idéias sobre a Educação se voltavam mais para a educação de adultos, também de início não foram muito compreendidas em Israel. Era uma nação cheia de jovens e de jovens militantes de uma política de um estado recém-conquistado. E ele levava uma mensagem, não de guerra, não de hostilidade, mas de diálogo. E quando ele lutou junto com muitos outros personagens pela criação do Estado de Israel, tinha Buber em mente que o Estado de Israel deveria ser mais do que uma nação na Palestina. Deveria ser uma mensagem divina encravada na Palestina. E ele foi traído pelo desejo, foi traído pelo sonho. Melhor, ele foi traído pela história, porque hoje é tão complicada a posição de Israel no contexto palestino, que ela não manifesta, não dá nenhum ar de mensagem divina como a quis Buber. Mas foi o que sonhou Buber e sonhou sinceramente, e desejou sinceramente tudo isso: Martim Buber. Portanto, por várias dessas razões, ele foi um exilado em Israel.

Isso é um pouco do que eu tenho a dizer sobre a figura humana de Buber. Sobre essa figura humana tão apaixonada pelo diálogo; tão obcecada pelo entendimento entre os seres humanos, pela aproximação, pela plenitude do encontro que pudesse se dar entre pessoas.

Agora falo um pouco sobre o *“Eu Tu-Eterno”*; sobre a relação de cada pessoa com Deus, com o Absoluto. Nunca deixemos de lado a idéia de que Buber foi uma pessoa criada, desenvolvida e convencida pela mística hebraica, portanto, a figura de Javé, a figura do Tu-Eterno está no centro de seu pensamento, no centro de suas preocupações. E é interessante porque, numa das cartas que ele escreve para Hugo Bergman (nota: há autores que colocam Hugo Bergman como discípulo de Buber, o que não é verdade, são dois pensadores do mesmo porte e, muitas vezes, Bergman deu severos puxões de orelha em Buber, depois de Buber já com as barbas brancas e vice-versa, eram dois pensadores autônomos, muito amigos, muito leais, muito fiéis e por isso mesmo muito francos um com o outro) numa carta, especialmente importante, escrita por Buber para Hugo Bergman, ele diz uma coisa extraordinária, como quando é o gênio quem tira de poucas linhas do texto sagrado, do texto bíblico, lições incríveis. Ele disse para Hugo Bergman o seguinte:

Não vamos nos iludir, somos descendentes de Caím. Já que Caím matou Abel, Abel não teve descendência. Já que Caím assassinou o irmão, Abel, nós somos descendentes desse fratricida, dessa figura brutal, dessa figura que matou o irmão por ciúme.

Somos descendentes de Caim e, tal como acontece, tal como nós podemos ler no capítulo quatro do Gênesis, há um diálogo entre Deus e Caím, logo depois que Caím assassina o irmão, Abel. Deus pergunta a Caím: “Caím, onde está teu irmão?” E Caím, que não era bobo nem nada, retruca com uma pergunta também: “Acaso serei o guardião do meu irmão?” Mas Deus, que muito menos que Caím, nunca foi bobo, triplica com uma terceira pergunta: “Caím, o que fizeste com teu irmão?” Buber diz o seguinte:

Essas três perguntas podem ser o roteiro de uma preocupação filosófico-religiosa de uma vida inteira, porque quando Deus pergunta a Caím onde está teu irmão, Ele está perguntando a Caím e a toda sua descendência, Ele está fazendo essa pergunta a cada um de nós: ‘Onde está teu irmão?’ Será que você está vendo no mundo tantos irmãos quantos deveria? Será que você está tendo abertura fraterna na convivência com teus irmãos? ‘Onde está teu irmão?’ A pergunta feita a Caím é a pergunta feita a mim, Martin Buber, é a pergunta feita a você, Hugo Bergman, é a pergunta feita a toda a descendência de Caím, ‘Onde está teu irmão?’

E o que que nós fazemos? Nós respondemos igualzinho Caím: “Acaso sou guardião do meu irmão?” Ele tem os interesses dele, eu tenho os meus interesses, cada um cuida de si. E é essa coisa toda, toda essa conversa de individualismo, toda essa conversa de: “eu não me meto na vida dele, portanto ele não se mete com a minha vida”. É isso exatamente o que nós respondemos, como Caím respondeu a Deus: “Acaso serei o guardião do meu irmão?” E aí Deus faz uma terceira pergunta a Caím, uma pergunta que está sendo feita a nós, agora, no século vinte: “o que fizeste com teu irmão?” Ou, se eu quisesse mudar a formulação: “o que tens feito com os teus irmãos?” Teremos olhado para os nossos parceiros de casamento com a responsabilidade e o amor que isso implica? Teremos olhado para os nossos filhos e para os nossos netos com a intensa responsabilidade e o intenso amor que isso exige? Teremos, em sala de aula, respeitado o aluno que não nos respeita? Porque ser amável com pessoas amáveis é facilímo, mas o difícil mesmo é ter que respeitar alguém que não está muito disposto a nos respeitar, não é mesmo?

Há um pensador brasileiro sobre o qual eu escrevi na minha tese de doutorado: Alceu Amoroso Lima. E a minha tese foi a contribuição pedagógica contida no pensamento de

Alceu Amoroso Lima. Então eu fazia uma entrevista com ele, e ele estava à beira dos noventa anos, perfeitamente lúcido. E, vejam vocês, meses antes do falecimento dele, nós estávamos sentados numa agradável sala da casa de uma filha dele, e eu perguntei ao velho Tristão de Ataíde (que era o pseudônimo que ele usava para a crítica literária): “mas, nessas coisas de educação que o senhor vem falando, que é preciso respeitar quem não está muito a fim de nos respeitar, é preciso ter paciência com quem não é paciente conosco, o educador tem que ter essas coisas?” E eu disse a ele: “Mas é muito difícil, doutor! Isso tudo é muito difícil.” Aí, ele foi com aquele jeito de carioca mesmo, carioca sábio e disse para mim: “Professor, o fácil é fácil, difícil mesmo só o difícil, e isso é o que deve seduzir quem tem alguma intenção boa.” Eu achei um delicioso momento da nossa conversa. Um momento digno de Martin Buber.

As perguntas Deus as faz a Caím e a toda sua descendência, e Buber diz: “Eis um princípio de toda uma vida de reflexão filosófico-teológica ou filosófico-religiosa”. Porque na visão de Buber, ou nos integramos no Tu-Eterno, ou sequer compreenderemos as relações eu-coisa e as relações Eu-Tu entre as pessoas. Se nós não integrarmos toda a realidade do mundo no Tu-Eterno, teremos compreendido a meias, pela metade e sempre mais ou menos as relações objetais e as relações pessoais. Só mesmo quando integramos o viver, quando integramos a paisagem do nosso mundo, quando integramos o sentido das coisas, o sentido dos homens, o sentido da nossa vida no Tu-Eterno, somente aí nós compreendemos, em plenitude, a relação eu-isso, a relação Eu-Tu. E isso por termos compreendido e vivido intensamente a relação Eu-Tu-Eterno, Eu-Tu-Absoluto.

Portanto, na visão de Buber o ser humano é um *ser de relação*. Essa palavra, relação, relações, essas palavras estão no centro de todo pensamento buberiano. O ser humano é um *ser de relação*, é um *ser de relacionamento*. Todos os casos encontrados até hoje de crianças, bebês que acidentalmente foram perdidos entre irracionais, lobos, macacos, foram depois encontrados na adolescência, na juventude ou quando adultos, com um comportamento exatamente de irracional. E isso comprova de uma maneira tácita que o Ser Humano só se faz humano no convívio com outros seres humanos. O Homem, o Ser Humano só se faz humano na relação com outros seres humanos.

Buber, quando focaliza a vida com as coisas, ele está focalizando as relações objetais. É interessante como ele conduz o poema filosófico. Na primeira parte do poema ele cria a palavra: “eu-isso”, que significa o mesmo que eu-coisa. Então, criando essa palavra composta e estranha: “eu-isso”, Buber nos diz que a primeira grande aprendizagem de todo Ser Humano é com a sua paisagem, com os morros, com os rios, com os lagos, com as árvores. Isso se dá sobretudo aos artistas que são muito impressionados, mas todas as pessoas têm como primeiro ensinamento o ensinamento do seu habitat, o ensinamento do seu cenário geográfico. Mas o cenário geográfico que as vezes fica distante de nós, possui dentro dele objetos com os quais nós lidamos: uma cadeira, um livro, um microfone> Pois

então, eu-isso é a nossa relação com o céu, é a nossa relação com os morros, á nossa relação com as árvores, com os rios. E eu-isso é a nossa relação com os objetos próximos que nós manipulamos. E ele vai assim.

Parece que é uma coisa óbvia, mas de repente ele dá um susto, ele diz: “No entanto, há relações objetais, do tipo eu-isso que acontecem entre seres humanos”. Quando Buber chega nesse ponto, ele mostra um lado patológico que pode existir na relação objetal; em uma relação eu-isso entre pessoas. E depois ele mostra um lado normal que pode ter essa relação objetal, assim, temos um lado doente e um lado normal. Qual é o lado doente? O lado doente é o lado utilitarista, quando toda vez que eu olho para o meu semelhante e me pergunto no quê que ele pode me ser útil.

Então uma pessoa quando vai num jantar, numa recepção, chega lá e é apresentada a uma determinada pessoa. Então, no jogo do teatro social estende as mãos, pega naqueles dedos moles e diz: “muito prazer” e tal. E um olha no olhar do outro e não sente nenhum prazer, por enquanto, mas é preciso esse teatro social básico; então “muito prazer” e afastam-se. Aí vem uma pessoa a diz: “Você sabe quem é essa pessoa que te apresentaram?” “Não. Não faço a menor idéia.” “É filho do dono da empresa em que você trabalha.” “Ah? Não me diga! Então eu preciso dar um jeito.” Então ele vai atrás e não vai dar sossego para o pobre do filho do dono da empresa, porque agora ele se transformou num objeto útil; um objeto de ascensão, de privilégios, de mordomias Aí então, durante o jantar ele vai cutucar, ele vai contar piada para aquela pessoa, e se ele não tiver senso de limite pode acabar aborrecendo aquela pessoa.

E isso se dá porque o outro passou a se constituir num objeto útil, dentro de uma relação eu-coisa; uma relação objetal entre eu e o outro, que se afigura como objeto útil. Diz Buber: “Esse é o aspecto patológico de uma relação objetal eu-isso entre seres humanos.” E no entanto, nós precisamos reconhecer que toda relação humana, ou quase toda relação humana começa no nível objetal, no nível eu-isso. Porque? Por que cada um de nós é para si a realidade mais radical que conhece. Eu sou eu. Eu estou em mim, portanto. Claro que há partes de mim que eu ignoro, mas no fundamental eu me identifico, eu sou eu mas, no final, eu sou para mim a realidade mais radical do mundo.

Eu dôo, de doer, de dar também, mas eu dôo, eu me entristeço, eu me alegro, eu gargalho até sair lágrimas. Então eu sou para mim uma realidade sempre radical, enquanto que o outro é para mim uma realidade radicada. Quando eu conheço alguém, vão me chegando as relações radicadas desse alguém. Assim, por exemplo: gosta de música clássica ou gosta de música popular brasileira; tem hábito esportivo, não tem hábito esportivo; é de família tal, é de família outra. E então eu vou radicando, vou obtendo as raízes que vão projetando essa figura para mais perto de mim. É quando Buber diz que não há nada de errado que o relacionamento humano comece pelo eu-isso. Agora, haverá tudo de errado se ele nunca ultrapassar a condição do eu-isso; se ele nunca chegar à condição do eu-tu.

E Buber diz: “Isso é uma pequenina palavra que eu posso pronunciar com uma parte do meu ser, mas *Tu* é uma palavra menor ainda e que, no entanto eu só posso pronunciar com o meu ser inteiro”. Não há meio Tu. Ou é Tu ou é Coisa, e não há meio ser Humano, pois meio Ser Humano seria Centauro. Portanto, ou é Ser Humano ou é coisa.

A relação eu-tu é aquela que deve ser alcançada, mesmo que comece com a relação eu-isso, em termos objetivos. Ela tem que enriquecer-se, fortalecer-se e chegar no patamar ideal da relação Eu-Tu. Quando eu olho para o meu semelhante e digo com meu ser inteiro: “Você é o Tu que me justifica como um Eu”, quando eu digo: “Você é um Tu em plenitude, e justamente por ser um Tu em plenitude, Você me faz sentir um Eu em plenitude.” A plenitude do encontro humano. E falando da vida de casais, da vida de casados, da vida de pessoas que não são casais mas que vivem juntas, da vida de amigos, da vida de irmãos consangüíneos ou não, Buber lembra que é a plenitude do encontro que imprime qualidade a esse viver. E evitando precipitações críticas, de críticos que, claro, logo viriam em cima dele, querendo considerá-lo o último dos românticos, ele diz o seguinte: “É lógico que toda relação eu-tu tem momentos em que cai ao nível da relação eu-isso”. Pessoas que se amam, que se querem muito bem, mas possuem têm relações neuróticas. Inauguram momentos neuróticos nos seus relacionamentos. Pessoas que se respeitam, que se querem bem, que se amam há décadas - o tempo importa pouco, podem ser a semanas - mas as vezes o tempo também é a sedimentação do viver, e como isso é importante...

Há um psicólogo norte-americano que é também buberiano, e ele criou essa conhecida Análise Transacional, Terapia Transacional. Erick Berxxx publicou um livro que foi um best-seller; chamava-se “Os jogos da vida”. E ele estudava uma quantidade de jogos neuróticos de pessoas que se amam e se querem bem fazem entre si. E há nesse livro um capítulo - e eu não posso modificar o título que ele dá ao capítulo. E o título do capítulo é: “Te peguei, seu filho da puta”. É esse o título que está no livro. E ele diz o seguinte: As vezes duas pessoas que se amam muito, uma delas chega para a outra e diz: ‘olha eu estou querendo fazer tal coisa, uma experiência que eu estou querendo realizar...’ E outro diz: ‘olha, eu acho que você não deve. Do meu ponto de vista, aconselho que você não faça.’ Mas a pessoa diz: ‘Olha eu estou tão motivado, tão motivado que eu vou fazer assim mesmo. Eu ouvi o teu conselho, considerei o teu conselho, mas eu vou fazer assim mesmo, porque eu estou motivado demais.’ Vai lá, faz o experimento e se estatela, como se diz aí na gíria, quebra a cara”. Então, diz Erick Berxxx: “Não existe nada mais perverso do que aquele parceiro que aconselhou, dizendo que não fizesse, quando ele chega com aquele dedinho e diz: ‘Não te falei!’ Isso é uma perversidade.” Dizia Erick Berxxx. O outro já está quebrado, de cara quebrada, estatelado. “O preço do vício é o próprio vício, o preço da virtude é a virtude”, já dizia Sêneca lá, entre os latinos. E Erick Berxxx estuda uma

quantidade enorme de jogos neuróticos que fazem entre si pessoas que se querem muito bem, muito amigas, ou amantes idílicos, amorosíssimos mesmo.

Pôr isso Buber não é nada romântico quando ele diz: “Eu não estou dizendo que possa existir uma relação Eu-Tu em tempo integral. O que eu estou desejando é que predomine a relação eu-Tu e que sempre que aconteça um deslize para a relação eu-isso, objetal, que o casal ou o conjunto de amigos tenham energia para voltar ao nível do Eu-Tu, e que predomine o Eu-Tu como a plenitude do encontro humano”. E Buber lembra que há momentos do encontro humano que fogem a essa lógica também.

E agora eu vou me permitir dizer isso, porque isso que eu vou dizer abrange aqui o Carlos Brandão. Um dia, na casa do Rubem Alves, o Rubem me apresenta o Brandão. E a minha nítida sensação é que eu o conhecia, no mínimo, há trezentos anos. Foi de minha parte e eu sentia que foi uma empatia imediata. Foi uma relação de densidade fraterna desde o primeiro momento da minha apresentação. Então Buber diz que isso pode ocorrer quando você está num teatro, ou assistindo um concerto, e tem aquele intervalo que se faz para o pessoal fumar um pouquinho, ir ao banheiro e depois vem a segunda parte do concerto. Pois bem, pode acontecer que você, olhando o pessoal, de repente alguém se volta para você e, lá numa fileira, os olhares se cruzam e um sorriso muito amável acontece entre essas duas pessoas que nunca se viram, e que talvez não venham a trocar palavra nenhuma. O que define a grandeza do encontro Eu-Tu, diz Buber, o que define a importância da relação Eu-Tu não é nem o Eu nem o Tu. É o “entre”.

A categoria do *entre*, da intencionalidade emocional, da intencionalidade racional, que fazem ambas trafegar conteúdos humanos entre duas ou mais pessoas...

Se nós perguntarmos a uma pessoa, que diz amar muito uma outra, porque a ama, se ela conseguir dizer porque a ama, tenha certeza que não ama. Porque o mais profundo e pleno encontro humano não é visível; ele não é traduzível em palavras. Em um livro meu que saiu publicado em 95, “Violência e Educação”, onde há um capítulo sobre Martin Buber e o diálogo como minimizador da violência (se não me engano o Brandão me disse que andou trabalhando um pouco esse capítulo em Peirópolis) eu coloco ali uma exemplificação interessante; algo que me pareceu interessante pela beleza interessante, pelo interesse mesmo. Há um poema que é considerado um dos mais belos poemas da história da literatura universal, que foi escrito pela poetiza inglesa do século XIX, Elizabeth Bareth Brawling. Elizabeth Bareth Brawling era casada com o poeta também, Robert Brawling. E era um caso de amor fantástico que eles viveram. Ela era paraplégica e ele era um homem, além de muito normal, como diriam os espanhóis: guapo, bonitão, normal e tudo mais. Mas é um caso extraordinário de amor entre esses dois, Elizabeth Brawling e Robert Brawling. E Elizabeth, a poetiza, escreve para seu amado um poema cujo título é: “Amor” e exatamente ela pede que ele não diga porque a ama. Ela tem medo que ele diga porque a ama, e no segundo momento do poema, quando a gente pensa que ela vai dizer

porque o ama, ela diz: “deixe-me ver de quantos modos eu te amo”, e ela sai pela escada de incêndio. Mas vejam que lindo o texto do poema, e me permitam lê-lo:

*Se tu chegares um dia a amar-me, que não seja por outro motivo, se não o amor. Não digas: amo-te por teu sorriso, tua figura, teu jeito de falar gentil,
por um modo de pensar que combina tão bem com o meu
e que nos trouxe e a esse dia, uma sensação de agradável prazer.*

*Pois essas coisas, em si mesmo, bem amado, podem ser mudadas,
ou mudar por sua causa e o amor, desse frágil tecido,
poderia assim, facilmente, se destecer.*

*Nem tão pouco me ames, porque tua carinhosa atenção
enxuga de minha face as lágrimas.
Tendo-te sempre por perto, uma criatura poderia se esquecer de chorar
e assim perder teu amor.*

*O meu? Como é o meu amor? Deixa-me fazer a conta de quantos modo eu te amo.
Eu te amo, a ti, até a profundidade, a distância,
a máxima altura que minha alma alcança, muito longe, para além da compreensão,
nos confins do ser e da graça ideal.*

*Eu te amo na mais calma e simples necessidade do dia-a-dia.
À luz do sol ou na claridade da noite. Eu te amo como à liberdade,
a mesma com que os homens lutam por direitos.*

*Eu te amo com a alegria pura de quem recebeu um louvor.
Eu te amo assim, de meus velhos pesares,
com a mesma paixão da minha infância, com igual confiança e fé,
com o amor que eu pensava que estivesse perdido, com perdidas crenças.*

*Amo-te com a respiração, sorrisos e lágrimas de uma vida inteira.
E, se Deus quiser, só depois da morte, te amarei melhor.”*

Esse lindíssimo poema que nos vem do século XIX escrito por Elizabeth Bareth Brawling, algum tempo antes de Buber, retoma toda essa coisa dita por Buber. Não há como dizer o conteúdo da plenitude do encontro humano. Pôr isso Buber dizia mais ou menos assim: se perguntar a alguém que diz que ama muito uma outra, porque é que ela ama, e se ela conseguir dizer, então é porque não ama.. E mais a vida como Absoluto.

Bom, eu já vou me estendendo demais. Agora eu vou fazer como os meus professores, quando eles chegavam na Vida como Absoluto, eles mandavam ler em casa. Eu não eu preciso que vocês me dêem um tempo muito longo para entrar nesta questão.

Buber diz assim: quando se dá a plenitude do Eu-e-Tu, este é um momento de graça! Vejam o cristianismo influenciando na linguagem buberiana. Este é um momento de graça! Porque é o momento em que alguém bate à porta e há alguém querendo abrir pelo lado de dentro. Então, quando essa porta é aberta dá-se a plenitude do encontro. Mas diz Buber que na plenitude do encontro Eu-e-Tu, na riqueza desse *entre*, ainda há alguma coisa que fica como uma carência, uma falta. Uma coisa que ainda falta e essa coisa só vai ser encontrada quando se integrar o Eu-Tu na suprema relação que é a relação Eu-Tu-Eterno. Porque, - diz Buber – dizer que se ama alguém porque é moreno ou claro, porque é alto ou baixo, porque tem olhos verdes ou castanhos; dizer que se ama alguém por tais ou quais características físicas, isso é linguagem do ‘isso’, é relação eu-isso; é a relação objetal.” O encontro humano, segundo Buber, ele se parece com aquela situação em que alguém, de repente se vê diante de um bosque e não vai fazer o raciocínio, eis uma árvore, eis três, eis dez, portanto que lindo bosque. Não, ele simplesmente se coloca diante do bosque e diz: “Poxa, que bosque bonito! que lindura de bosque!” é gestáltica a coisa. E se integrada no Tu-Eterno, o sentido de transcendência que ganha a relação inter-humana é total. Então, a Vida como Absoluto, a relação do Eu-Tu-Eterno é o supremo sentido. É o supremo sentido através do qual nós ganhamos mais sentido ainda para aquilo que já fazia sentido antes.

Eu gosto muito de um filósofo lá da UNICAMP, já aposentado como eu. Professor Antônio Muniz de Rezende, Ele é daqui de perto, de Tupaciguara. Muniz de Rezende foi meu professor no doutorado. Ele não é apenas um professor, ele é um sábio. Sim, aquele danado é um sábio. E ele tinha uns momentos muito especiais, como se ele entrasse assim num ‘barato’ no meio da aula. Um dia ele estava falando sobre a circulação de sentido; sobre a cultura como circulação de sentido: o sentido do viver, o sentido do morrer. De repente ele parou assim, no meio da aula. Parecia que ele entrou num ‘barato’ e disse: “porque prestem bem atenção”. Quando ele falava assim a gente ligava as antenas todas, “há sentido, há sentidos e há mais sentido”.Essa frasesinha é extraordinariamente rica, “Há sentido, há sentidos e há mais sentido”. E esse “mais sentido”, no caso buberiano, alcança-se na relação do Eu-Tu-Eterno. E aí vem a questão de que na visão buberiana,

Deus é quem sustenta a nossa crença na perfectibilidade humana. Deus é quem sustenta em nós a crença de que os seres humanos podem ser melhorados.

Dito em outras palavras, Deus é quem mantém a existência de educadores. Porque um educador que não acredita que os outros possam ser melhorados, não sei o que ele está fazendo na vida como educador.

Então, eu estou traduzindo Buber nos seguintes termos, estou dizendo que se nós não acreditamos na perfectibilidade do Ser Humano. E se nós não cremos que podemos ajudar a melhorar seres humanos, não há porque sermos educadores, não há porque sermos professores, perdermos tempo em sala de aula. Porque há outras maneiras de viver, e com a carrocinha de cachorro quente se pode ganhar mais dinheiro do que dando aula. E não se aborrece vidas, porque quando não se acredita que as vidas são aperfeiçoáveis, o que acontece? São aquelas relações de competição e às vezes até de brutalidade na sala de aula, entre professores e alunos. Então a questão da perfectibilidade, como mantida por Deus, ela se volta, no pensamento buberiano para a educação. E se volta para a educação como sendo, primeiro, uma maior consciência da natureza, para que se atinja o respeito natural pela natureza, uma maior consciência da natureza.

Eu tenho citado em outros encontros o fato de que há vinte e dois anos o Canadá começou um experimento de acentuar no ensino, desde o maternal, a questão da importância do planeta e da importância da natureza; o respeito pela natureza, a consciência da importância da natureza. E os outros aspectos, como sexualidade, aspectos como sociabilidade, todas essas coisas vêm sendo trabalhadas num projeto que começou a vinte e dois anos; e hoje tem-se no Canadá uma das sociedades mais agradáveis, respiráveis, vivíveis do Mundo. Uma das sociedades mais tranquilas, de menores índices de desrespeito à natureza que há no Mundo, porque se enfatizou durante vinte e dois anos este saber na escola, desde as crianças. E essa geração de agora já tem em si a consciência da importância da natureza. Portanto, ela tem espontaneamente muito respeito por ela.

A educação, como maior consciência da natureza, a educação como maior consciência dos outros, como maior consciência de estarmos neste mundo partilhando uma estrada, como companheiros de viagem. No dizer de Lao Tse, um sábio chinês, que viveu muito tempo antes de Cristo, é lembrado que nós temos o caminho, mas ninguém pode fazer o meu caminho por mim, como ninguém pode morrer a minha morte por mim. Nós podemos ser companheiros no caminho. Eu acho essa palavra, companheiro, lindíssima, porque a formação dessa palavra no latim, *com pane*, significa aquele que parte o pão comigo. Significa aquele que partilha o pão comigo na viagem. Maior consciência dos outros como companheiros de uma viagem comum. Se nós tivéssemos um pouco disso colocado de uma forma bem nítida, bem rica dentro de nós, nós não veríamos tanta miséria, cinturões

de miséria em torno das cidades. Nós não veríamos gente vivendo debaixo de plástico preto, nós não veríamos pessoas caídas aí pelas ruas, pessoas passando fome e todo tipo de necessidade, por falta de oportunidade. Porque a sociedade seria pensada como uma verdadeira sociedade, onde nós somos sócios dessa firma chamada: *viver*. Nós somos sócios desse empreendimento chamado *viver*.

Portanto, uma maior consciência da natureza e um espontâneo respeito por ela. Uma maior consciência dos outros, portanto amor pelos outros. E isso não tem que ter um sentido piegas, onde eu vivo me derramando pelos outros. Mas que eu respeito os outros porque eu quero que os outros possam ter as oportunidades que me são dadas. \porque eu empenhadamente desejo isso, e eu recebo os que me procuram e que eu os acolho com humanidade, com educação. E não é tão difícil assim ter-se uma palavra branda e um sorriso para pessoas que às vezes nos procuram tão angustiadas. É pouco e pode ser feito mas, no entanto, muitas vezes não se faz. Na educação, o Tu absoluto, o Tu-Eterno é o iluminador da consciência plena. portanto, como iluminador da consciência plena, é o Tu-Eterno que nos oferece a plenitude. O próprio Buber diz, num pequenino trecho, umas linhas que eu vou ler:

Aquele que entra na relação absoluta não se preocupa com nada mais isolado, nem com coisas, ou entes, nem com a terra, nem com o céu, pois tudo está incluído na relação. Entrar na relação pura não significa prescindir de tudo, mas sim, ver tudo no tu eterno. Não é renunciar ao mundo, mas proporcionar-lhe fundamentação. Afastar o olhar do mundo não auxilia a ida para Deus. Olhar fixamente nele também não faz aproximar de Deus. Porém, aquele que contempla o mundo em Deus está na presença Dele. Aqui o mundo, lá Deus, tal é uma linguagem do isso, assim como Deus no mundo é outra linguagem do isso, porém nada abandonar, ao contrário, incluir tudo, o mundo na sua totalidade, no Tu eterno atribuir ao mundo o seu direito e a sua verdade, não compreender nada fora de Deus, mas apreender tudo nele, isso é a relação perfeita, a que dá plenitude.

Portanto, talvez nós pudéssemos até fazer uma imagem assim: educador é aquele que bate às portas dos outros em nome da Vida, enquanto que professor é um técnico que muitas vezes invade a porta dos outros pela ciência arrogante, e não mais do que isso.

Eu disse que o maior legado de Buber foi esse poema filosófico “Eu e Tu”. O professor William Cluberck não concorda. Ele diz que o maior legado de Buber - e aí está a nossa tristeza, porque nós não temos isso em português - são os seus escritos sobre educação.

É o conjunto de seus escritos sobre educação o maior legado deixado por Buber, segundo Cluberck.

Martim Buber foi, como vimos, muito interessado em educação de adultos, em sua época com o nome de *educação permanente*, como professor de *antropologia pedagógica* da Universidade Hebraica de Jerusalém.

E Buber me faz lembrar certa vez esse líder espírita, do qual pode-se concordar ou discordar à vontade, mas que todo mundo vai admitir que é um ser humano ímpar. E ele é Chico Xavier. Chico Xavier, em 1971, dava uma entrevista naquele “Pinga Fogo”, na extinta TV Tupi, há um momento em que um rabino, que estava presente, pede a ele a sua interpretação para a parábola do samaritano. E ele, com aquela humildade, disse: “Se dependesse de mim, rabino, não teria o que lhe dizer, mas o meu amigo Emanuel está dizendo o seguinte.” E aí ele apresentou uma coisa que é preciosíssima, ele disse mais ou menos isso: observe, rabino, que um homem descia pela estrada de Jericó e foi assaltado e ferido, e ele ficou na beira do caminho ensangüentado, todo machucado. Então veio um levita descendo por esse mesmo caminho. Ele viu aquele homem machucado, ensangüentado, mas preferiu não se complicar com aquilo, passou de lado e seguiu a sua estrada. Depois veio, se não me engano, um fariseu, e esse fariseu olhou, viu aquele homem ferido, ensangüentado e também não quis se complicar muito, e passou de lado e seguiu embora. Aí veio um Samaritano, e Cristo dizia assim de propósito, porque os judeus tinham horror a samaritanos. Pois então vinha um samaritano de muito bom coração, e esse samaritano condeu-se desse irmão que tinha sido assaltado, machucado lá na beira da estrada. E curou as suas feridas, tipo primeiro socorros, amarrou uns panos. E pegou o homem machucado, levou até uma estalagem e disse ao estalajadeiro: ‘Você cuide desse homem que na minha volta eu recompensarei em dobro.’ Então vem a coisa linda que eu escutei nessa noite. Chico Xavier disse o seguinte: “Todos nessa parábola são qualificados. Um era um levita, o outro era um fariseu - os que não quiseram se complicar com a história - o terceiro era um samaritano, mas havia uma pessoa sem qualquer qualificação, aquele que foi digno da compaixão era apenas um homem.”

E Buber me faz lembrar desse momento de interpretação da parábola do samaritano, porque foi sempre uma pessoa que viveu como um judeu de ascendência e convicção judaica, mas que socorreu, atendeu e ajudou a todas as pessoas de toda cor, de todo credo. Eis o que é ser humano. Servir o outro por ele ser humano.

Fui longo e fui breve. Eu fiz aqui um apanhado global, marcando os pontos mais sensíveis e sensibilizantes do pensamento de Buber.

CRB – E está tão bom que a gente não podia parar por aqui. Podíamos fazer umas perguntas. Nós tínhamos combinado que nestes dias de seminários, sempre que estivéssemos juntos seria exatamente assim. Como aquela brincadeira do Régis, fazer a

primeira voz, é verdadeira, primeiro porque ele está aqui por poucos dias. Nós sonhamos trazê-lo para cá como professor da casa. Pois bem, quando eu disse a vocês que um (Régis) falaria o que sabe e o outro (Carlos) o que pensa que sabe, essa é uma verdade muito grande. A minha experiência com essa leitura, não só com a leitura de Buber, mas de toda essa filosofia do encontro, do diálogo, também vai por esse mesmo caminho. Toda uma corrente de sentir e de pensar cuja filosofia se centra nesta questão essencial e fundamental que é a *relação*. Nessa felicidade que é a troca que constrói um Eu e um Tu. Vou fazer um breve comentário e, depois, eu queria ler alguns poemas. Queria ler um poema do Régis. Queria ler alguns textos breves do Buber para acentuar um aspecto que me parece importante e, depois, queria ler uns meus também porque eles têm a ver muito com Martin Buber. Com essa pequena experiência, de que o Régis estava falando, e que nós fizemos aqui e estamos fazendo ainda, com um pequeno grupo que a gente chama de *Grupo do Encontro*.

Uma primeira idéia essencial na amorosa filosofia de Buber tem a ver com uma espécie de *antropologia de criação do eu*. O interessante é que esta é uma questão que nós vemos sendo muito estudada na psicanálise ou na psicologia, às vezes até na lingüística e às vezes até mesmo em uma *filosofia da pessoa*.

A resposta para essas perguntas: o que é ser? O que é um Ser Humano? Nos leva a pensar essa trajetória psicogenética da formação de uma pessoa sobre um indivíduo. sobre um indivíduo, como um ser biológico. Pensemos no seu momento zero neste mundo: uma criança saindo do útero materno, percorrendo aquele corredor de acesso à vida, ao mundo, e emergindo no mundo. Pois bem, o que é que transforma esse pequeno ser de vida numa pessoa, em um alguém? Segundo os antropólogos e os sociólogos, um indivíduo torna-se uma pessoa, ou vai se tornando uma pessoa, à medida que vai colocando dentro de si, e vai interiorizando, ao ser socializada, vai internalizando a própria vida de sentimentos, de pensamentos, de idéias, de regras e de princípios que constituem o seu mundo social. Tudo o que configura a sua família, a sua parentela, a sua comunidade, o mundo de cultura em que ela vive, e que pode ser uma aldeia indígena de Goiás, pode ser Uberaba, pode ser Nova York.

Cada um de nós se torna uma pessoa social quando vem a ser, de alguma maneira, uma experiência social pessoalizada. Assim, não é apenas quando eu aprendo a minha língua e cada vez melhor falo com minha mãe, com meu pai, com meus irmãos, com meus outros, mas quando eu aprendo também as outras linguagens do meu mundo. Quando aprendo as várias gramáticas sociais que dizem quem é quem, quem pode fazer o quê com que pessoa, eu vou me tornando um eu social.

Hoje em dia se estuda isso em Antropologia, em Psicanálise. E as psicanalistas e os psicanalistas vão lá nas profundas sobre estes temas. E este interiorizar sentimentos já começa nos nove meses em que a criança está mergulhada num profundo mar situado

dentro da mãe. E ali, quem sabe? Ela vive outras esferas de consciência, numa comunicação com ela, com o organismo e a pessoa de sua mãe.

Buber, logo no começo do “Eu e Tu” trabalha essa questão com radicalidade. Para ele não há uma intenção psicológica. Não há uma preocupação em pensar como Piaget, como Freud, como Bion, como Melanie Klein, ou como Margareth Meat. Quais são os processos? Qual é a mecânica, ou qual é a lógica dessas inter-relações pelas quais, através de trocas de afetos, de sentimentos, de significados e de sentidos, eu vou aprendendo a ser uma pessoa. Para ele importa o dado radical da fundação imediata de um Eu através do diálogo, da descoberta amorosa de um Tu. Claro, o dado radical está presente em qualquer psicanálise, qualquer psicologia, mas ele a diz com imensa radicalidade isto: o *Tu me faz a mim mesmo*. Ou seja, eu só me construo como uma pessoa, eu só sou capaz de me representar, de me saber a mim mesmo uma pessoa, através de um outro. É só através de um contínuo abri-me ao meu outro que eu me construo a mim mesmo como um verdadeiro Eu.

O Régis lembrava aqui de passagem sobre essas crianças-fera. Foram crianças que, por azares da vida, porque foram abandonadas ou porque foram perdidas na floresta, (e isso é mais comum na Índia, na China e em algumas regiões próximas). Então essas crianças que foram separadas, às vezes recém-nascidas, ou um pouquinho maiores, com três, quatro meses, do convívio dos pais. E entre as muitas que morreram, algumas, não se sabe porque, por que graça de um instinto animal, foram encontradas por animais. Na verdade na maioria dos casos, lobos e ursos, e foram criadas por animais. O que faz com que a lenda de Rômulo e Remo seja talvez verdadeira. Mas, por um outro lado, não poderia ser. E porque? Vejam porque: essas crianças eram Seres Humanos desde um ponto de vista ontológico, como qualquer um de nós. Mas o que havia de surpreendente em todas essas crianças que foram separadas do convívio humano, é que elas eram pequenas feras. Elas não tinham nenhuma reação humana e algumas delas, inclusive, morreram quando foram levadas para um convívio humano. Elas não tinham as reações humanas mais sofisticadas como, por exemplo, falar; escrever, ou pensar reflexivamente. Mas nem sequer sorriam e nem choravam. Elas comiam como os lobos comem: em vez de pegar o alimento e levar à boca - que já é uma característica dos seres mais superiores, os macacos, os seres humanos, os esquilos, as cotias, que são animais que levam à boca o alimento - elas levavam a boca ao alimento. Pois comiam como os lobos, andavam de quatro, não tinham condições de ficar em pé, embora, biologicamente pudessem e, evidentemente, não articulavam nenhuma palavra e nem sequer um olhar. Vejam vocês, mesmo o que a gente pensa que é o mais instintivo, o mais natural, como o olhar, como a expressão humana não existia nestas crianças. Elas eram humanas, não havia nenhuma humanidade ativa nelas.

O outro, o “meu outro”, ele não apenas me ensina português ou, então, as regras de sociabilidade: pedir a bênção para o padrinho, respeitar o pai, não brigar com os irmãos. Mas um outro, o outro, ele me dá o olhar humano. Ele me dá o nariz humano, me dá a boca humana, ele me dá todos os meus gestos de face, todos os meus gestos com a mão. Tudo isso que parece instintivo, mas que a gente aprende com o outro, e aprende sem precisar fazer curso.

Aprendemos até mesmo a andar, e cada um de nós come, anda, dorme e até sonha de acordo com os mínimos gestos inscritos na cultura de que somos parte, que vivemos no dia a dia, ao longo de toda uma vida e que, em boa medida, vai sendo internalizada por nós através disto a que os psicólogos e os educadores costumam dar o nome de socialização. Pois o essencial talvez seja isto: os mesmos gestos que vão caracterizar nosso olhar, o nosso sorriso, a nossa maneira de fungar, de chorar, de coçar a cabeça, tudo isso está entre as matrizes genéticas com que nós nascemos. Mas está também nas sutis, afetivas e complexas relações com o outro, com os vários outros de nossos mundos de vida e de biografia de nossas vidas.

Buber lembra isso. Eu não me construo, ou seja, eu não posso me colocar para mim como um eu sem estabelecer com outros de meu mundo interações vividas como diálogos. Um Robinson Crusó de nascença nunca seria um ser humano, nunca seria um indivíduo humanizado. Eu não me torno um “Eu” se eu não troco, se eu não reproduzo e recrio, ao longo da vida, amorosas e significativas trocas contínuas com os meus outros.

Tanto assim, que é muito interessante, vocês devem ter essa vivência: a de momentos de solidão. Num pequeno texto que eu fiz, chamado “Eu, Outro, Eutro”, que é, na verdade, uma leitura poética, muito pobrezinha, muito simplesinha, a partir de Buber, eu lembro na epígrafe uma breve frase Bachelard, esse Gaston Bachelard enamorado do Buber, de quem falava o Régis. então ele diz assim: “estou só, logo, somos quatro”.

Mas, numa dimensão buberiana, a partir do momento em que nós interagimos com o Outro - com nossa mãe nos primeiros momentos de vida, com outras pessoas, alargando o círculo - nós nunca mais estamos sós. Nunca, jamais, estamos sozinhos, mesmo quando em solidão. E não é só porque a gente pode dizer, como o povo da roça: “eu nunca estou sozinho, eu estou com Deus e com a Virgem de Aparecida”; não é isso aí. É porque a relação com o Outro desdobra o meu próprio eu, à partir do momento em que eu interajo com o Outro, mesmo antes de aprender a falar. A minha consciência, a minha sensibilidade, o meu corpo, os meus gestos, o meu olhar, tudo em mim vai aprendendo a reconhecer que eu sou um Eu, um sujeito interativo que age, que atua, que gera processos e que produz produtos.

Mas eu sou um eu também em um outro plano. Sou um sujeito reflexivo, consciente de si. Um alguém que se sente, que se pensa. Que se pensa sentindo e se sente pensando. Os animais sentem, nós nos sentimos sentindo. Assim, o animal sente dor e sente fome,

enquanto eu sinto dor e me sinto sentindo a dor, até desaguar no poema de Fernando Pessoa. Eu não me lembro bem, mas diz mais ou menos isto: “O poeta é um fingidor/finge tão perfeitamente/ que finge não ser a dor/ a dor que deveras sente”. Eu posso dar vários sentidos à minha dor; eu posso me desesperar com ela, posso fazer dela um momento de aprender a reagir ao sofrimento; posso oferecê-la por amor de Deus. Sofrendo eu sofro e eu me penso sofrendo, e posso atribuir dignificados diferentes o meu sentimento. Posso então sentir de outro modo, porque pensei reflexivamente sobre a minha dor e a fiz sentir-se em mim de outra maneira. Então posso pensar sobre ela de outro modo e, assim, senti-me pensando a dor que sinto ao pensar e que penso ao sentir. Parece estranho e complicado. Mas cada uma de nós, cada um de nós vive isto inúmeras vezes em um só dia.

O Outro me cria, ele me faz. Eu não seria um ser-em-mim se não existisse um Outro que me criasse, que me construísse ao mesmo tempo em que eu faço a mesma coisa com ele. Com uma pessoa como eu, uma pessoa, um Ser Humano que se constrói construindo-me no diálogo, e a quem eu construo enquanto me construo a mim mesmo através dele..

Mas acho que há mais do que isso. Pois a partir do momento em que eu convivo como os meus outros, eu povoo a minha sensibilidade, a minha consciência, a minha idéia dos/sobre os meus outros. E também por isto eles estão sempre comigo, sempre em mim. Pôr exemplo, eu viajo muito para Goiânia, viajo só e por isso, por horas eu estou sozinho? Não estou. Pessoas, às vezes pessoas mortas, minha avó, minha madrinha, tio Armando, um amigo querido, eles me vêm. E eu posso até falar com eles dentro de mim. E volta e meia eu não apenas rezo ou oro por eles, mas eu me vejo conversando com os meus mortos, queridos. Eu trago eles à minha vida e converso com eles. E este acontecimento trivial sim, é um milagre.

Ou então uma pessoa querida e viva. Eu namorei minha esposa quando ela vivia em Goiânia e eu morava no Rio de Janeiro Naquele tempo eram vinte e oito horas de viagem de uma cidade à outra. Mas eu já viajava conversando com ela; ela já estava ao meu lado muito antes de chegar. Como pode estar agora, estando ela em Campinas e eu aqui, em Uberaba. Há sentimentos pelo Outro para os quais as distância não existem

A algum tempo atrás nós publicamos juntos um livro de poesias que foi um fracasso de bilheteria. Paulo Coelho, na 77ª edição e Carlos Brandão e Régis de Moraes e outros três poetas autores do livro tendo que dar os livros de presente aos amigos. Em que mundo estamos! Publicamos juntos o livro chamado “Oficina”, cinco amigos, o Régis, eu, e um dos maiores poetas deste Brasil, chamado Heládio Brito. Publicamos juntos essa pequena maravilha de poesia, modéstia parte, e esse fracasso de bilheteria, chamado “Oficina”. A capa foi idéia minha.

RM – O Brandão, ele quis montar uma capa tão cult, ela ficou cult à besa...

CRB – E é deste livro que Eu vou ler para vocês um poema do Régis:

Fragmentos

*Essa noite conversei cumprido com a metafísica. No final, falei:
O que foi que escreveste na cabeça do mundo
para ele ficar meditado e besta entre ser e não ser?
Chega cada vez mais fundo o arpão que vara o minuto,
Mais fundo tiro vertical na carcaça do nada e no escuro do fruto.
Mas o bêbado continua e os famintos caçam no mangue os caranguejos.
Entre a angústia e o vir a ser
o menino vomita tudo pobre e dorme em cima de suas fezes.
Ensinaste o pensamento ao mundo? Sim, tu o fizeste.
E hoje ele só consegue morrer em rios podres, terras podres
No mar que é distância sobrando de uma lágrima suja.
Ensinaste o pensamento ao mundo...*

(ATENÇÃO, MUDANÇA DE LADO DA FITA, VER NO LIVRO OFICINA O ORIGINAL E ESCREVER AQUI)

*... no sangue.
A coxa macia e o pão que exorciza.
Vem a erva do mundo, o quente das bocas antes do pensamento.*

Régis lembrou num momento que embora Buber seja muito lembrado entre a Filosofia e a Psicologia, entre a Psicopedagogia e a Educação, como o filósofo do Eu- e-Tu, do diálogo e do encontro, ele foi também um filósofo preocupado com a mesma coisa que também preocupa um Heidegger, que preocupa todo filósofo que pensa a metafísica no próprio sentido da busca de um sentido para o Ser.

Mas eu queria falar um pouquinho da segunda parte do Eu-e-Tu. A segunda parte é aquela em que Buber estende essa relação Eu-Tu, primeiro ao mundo em que Eu e Tu nos multiplicamos por muitas e muitas pessoas, através de muitos e muitos diálogos que a interação múltipla entre seres humanos constrói E isto é a sociedade, a comunidade e a vida social. Buber tem um livro publicado pela Editora Perspectiva, em português, e que saiu bem depois do “Eu e Tu” E este livro tem por nome: “Sobre a comunidade”. Ali estão os escritos dele, digamos assim, mais sociológicos. Inclusive ali está, até onde eu sei, o único artigo dele em português sobre Educação, chama-se “Sobre a Educação”. Depois ele tem um outro livro ainda, chamado: “Do Diálogo e do Dialógico”, pela mesma editora, Perspectiva.

Então, há um momento em que o Buber faz exatamente aquilo que o Régis falava, dizendo que falava de passagem, porque não era o tema mais essencial do que ele estava colocando para a gente. E o tema é essa abertura ao mistério do encontro entre a Pessoa e Deus na relação entre Nós e o Mundo. Primeiro o mundo social que nós criamos. E eu devo dizer que Buber talvez fosse um descrente da possibilidade de criação de um mundo fecundo e feliz através de apenas grandes reformas estruturais. Vejam que sendo ele um herdeiro do socialismo utópico, nunca conseguiu e nem parece Ter pretendido se transformar num socialista marxista. Creio que não acreditava na possibilidade de que através de macro revoluções, de macro mudanças de estruturas, através de uma reformulação da mecânica da sociedade, as pessoas pudessem se reencontrar num mundo de felicidade, de justiça, de solidariedade, de fraternidade, de amor, no fim das contas.

E então ele acabou desaguando todo o seu ideal de construção de um mundo humano na pequena comunidade; na multiplicação das pequenas comunidades auto-gestionáveis. Inclusive, quando ele vai para Israel, ele não vai morar primeiro em Jerusalém, ele vai para um Kibutz. Ele vai viver num pequeno kibutz, que é essa experiência tão fértil, tão bonita que Israel instaura como pequenas comunidades de vida e de produção. Em parte esta experiência ilumina nele o ideal das comunidades. Mas ele sonha também com a extensão disso. A extensão dessa comunidade humana, dessa multiplicação de comunidades irmãs, na própria relação entre Nós e a Vida, entre Nós e o Mundo.

Interessante que hoje, aqui mesmo, em Uberaba, aqui no nosso Mestrado de Ciências e Valores Humanos, ou então lá em Peirópolis, nós marcamos muito tudo o que pensamos por palavras como por exemplo: holismo. Por uma nova visão da minha própria integração na Vida, no me sentir uma parte de um Todo; um Todo em que não sou apenas uma fração mecânica, mas uma integrada unidade orgânica Dentro desta visão tudo o que flui está dentro do meu fluir e eu estou dentro do fluir de tudo e assim por diante. E, volta e meia, nisso tudo nós ficamos em leitura de autores mais modernos, em pessoas como Capra, como Prigoginni que estão reinstaurando toda essa visão holística, toda essa visão integrativa nas nossas ciências e filosofias.

E, me parece que cometemos essa injustiça não intencional, eu acredito, mas muito comum, que é o imaginar que como isso parece que é novo - e tem que ser sempre novo mesmo - então só as pessoas que estão pensando agora, só os profetas do nosso tempo - dessa virada do milênio - é que têm essa compreensão e possuem algo novo a dizer sobre tudo isto.

E, assim, de repente a gente esquece o que se pensou, o que se disse antes; esquece que o primeiro pensamento holístico talvez venha de cinco mil anos, na Índia, ou de quatro mil na China, ou de dois mil e quinhentos, três mil anos, na Grécia. Heráclito por exemplo.

Eu queria ler uma pequena passagem do Buber, porque tem tudo a ver com a fala do Régis. E ela é um pequeno mito hindu que Buber trás para o livro dele. Para quem tem a edição que eu tenho, está na página setenta e um. Como você, Régis, falou do companheiro do pão, eu acho que esse pequeno mito cai muito bem. Leio, e ele diz o seguinte:

Segundo relata o Brahamana dos cem caminhos, um dia deuses e demônios disputavam entre si. Então os demônios disseram: A quem poderíamos apresentar nossa oferta? E depuseram todas as oferendas nas próprias bocas. Os deuses, porém, depuseram as oferendas cada um na boca do outro. Então, Bratchapadi, o espírito primordial, entregou-se aos deuses.

Uma outra passagem que eu queria ler está no finzinho da terceira parte do Eu-e-Tu. Eu quero ler, inclusive, para vocês sentirem também aquilo que o Régis falou o tempo inteiro, e que é a vocação poética de Buber. Pois o tempo todo ele nos dando uma mensagem primordial, essencial, mas, ao mesmo tempo, está escrevendo com uma beleza que sacode, que arrepia. Então vejam vocês. E eu vou ler só um pedaço, eu tinha separado uma parte maior, mas vou ler só um pedacinho e como se fosse mesmo um poema.

*E o pensamento dócil e habilidoso pinta com sua rapidez bem conhecida
uma, ou antes, duas séries de imagens sobre as paredes da direita e da esquerda.
De um lado está o universo, ou antes, acontece o universo,
visto que as imagens do mundo do pensamento são autênticas cinematografias.
A minúscula Terra emerge do turbilhão dos astros
e do fervilhamento sobreterno, emerge o pequeno homem
e assim a história o transporta através dos tempos
para que ele reconstrua com persistência
os formigueiros das civilizações que ela aniquila.
Abaixo dessa série de imagens está escrito: 'Um e Todo'.*

*Do outro lado surge a alma,
uma fiandeira tece a órbita de todos os astros,
a vida de todas as criaturas e de toda a história universal.
Tudo isso é um fio da mesma teceitura e não se chama mais,
doravante, astros, criaturas e mundos,
mas sensações, representações ou até vivências ou estados da alma.
E logo abaixo dessa série de imagens lê-se: 'Um e Todo'.*

E finalmente, uma última imagem. Agora não é uma leitura, mas a memória de uma pequena estória antiga, um quase mito. A bem tempo atrás, o Rubem Alves me contava esse outro mito de Narciso. Com aquele jeitão do Rubem, ele não me contou se era dele ou se era um mito dos antigos. Todos nós conhecemos o mito de Narciso, desse ser de pura beleza; esse jovem que se descobre uma vez se olhando no lago e que não consegue fazer mais nada além de se olhar no lago. Contemplar-se no espelho do lago. Ver-se refletido, enamorar-se de o seu próprio rosto, da sua própria beleza. E também a história da ninfa Eco, que se apaixona por ele e tudo mais e a morte de Narciso. Esse mito é muito conhecido, mas tem outro e eu o conto do meu jeito para vocês.

Dizem que algumas ninfas e alguns sátiros dos bosques que não tinham conseguido conhecer Narciso enquanto ele era vivo, quiseram saber como ele era. Afinal, fala-se tanto desse ser tão belo, como a pura beleza encarnada numa pessoa. E como ele seria? Como seria o rosto de Narciso? Então eles resolveram fazer a coisa mais inteligente no caso, que era ir ao lago, uma fonte tranqüila, bonita. Vocês já devem ter visto, pois às vezes aparece em desenho animado, às vezes em fotografias, em pinturas, Narciso debruçado sobre as águas de um pequeno lado, em geral, lourinho, com cabelos encaracolados.

Pois elas e eles vão ali e perguntam para o lago, para as águas do lago: 'Águas do lago, vocês que foram o espelho de Narciso, onde ele se refletia por tanto e tanto tempo, por favor, já que vocês não o podem refletir para nós, porque ele já não está mais aqui, pelo menos nos digam, como era esse Narciso? E as águas responderam o seguinte: 'Como ele era nós nunca soubemos, porque nós nunca olhamos para o rosto de Narciso. Nós só víamos a nós mesmas, águas que somos, a nossa imagem refletida. Nós olhávamos o seu rosto, mas nunca vimos ele, pois nós só nos víamos a nós próprias refletidas nos olhos dele.

Eis duas relações do puro “isso”. Narciso nunca buscou no lago o lago, mas a imagem de si mesmo; e o lago deu o troco. O lago se olhava, assim, eterna e ternamente, nos olhos de Narciso. E apesar dos anos e anos de contemplação, nunca tinha visto como é o rosto de Narciso.

E certa feita houve um Encontro em Campinas, de o Rubem Ter feito uma palestra um dia antes da minha. E o que ele veio dizer era algo de muita beleza Pois ele estava falando de

como ele consegue contemplar o mundo com um sentimento e um olhar de tanta beleza, com tanta harmonia Falava do como tudo o que é bonito o toca. E, de repente, ele disse assim: “Eu queria dar os meus olhos para todos vocês, para que vocês, nem que seja por um momento, vissem o mundo como eu vejo.”

Então aquilo me tocou e eu fiquei pensando, e me lembrei justamente desse duplo mito do Narciso. Então de noite, em casa, pois eu iria falar no dia seguinte, antes da Adélia Prado, eu escrevi um pequeno poema sobre essa história de olhos. Aliás, é muito forte em Buber essa questão do olhar, de você ser capaz de olhar o outro para ver o puro outro e não a si mesmo, *aqui* ou então para se ver através de como o outro reflete você nele e você para ele. Então eu escrevi um pequeno texto que eu acabei incorporando a essa série de fragmentos, que, por favor, nunca leiam como poemas, são idéias apenas postas em forma de poema e que tem a ver com isso. Então vou ler esse pedacinho e depois vou ler uma outra parte que quase o final desse conjunto de idéias buberianas que não são poemas. Eu digo assim:

*Põe no teu rosto os meu olho
e então olhe o mundo como eu vejo.
Mas depois me dá os teus olhos
para que eu veja o mundo como vês.
E assim, chega mais perto
para que eu me veja nos meus olhos no teu rosto
e com os teus olhos nos meus.
Pois só então eu saberei quem sou
sabendo em mim quem és.
E enfim, olha o teu rosto
com os teus olhos no meu rosto
Para que saibas quem eu sou e quem tu és.”*

E, finalmente, quero ler para vocês, nesse último momentozinho, um escrito, aquele do poema “Eu, Outro, Eutro”, em que eu tentei sintetizar de uma maneira muito simples, muito despojada, a minha precária leitura do “Eu e Tu” do Buber:

*O outro me faz, o outro me fez.
E o primeiro olhar de minha mãe,
esse de que eu não lembro mais como foi,
é a matriz e a lembrança imorredoura dos outros gestos todos.
Os gestos depois ou mesmo antes dele.*

Quando? Como?

Todos os instantes em que, vida afora, os meus outros foram me fazendo ser essa pessoa de quem sou. Foram trocas, foram gestos e olhares, foram acenos, acentos da voz, palavras ditas e ouvidas nos silêncios de quando as almas se tocam sem saber.

Afetos e gestos de interesse do outro em mim, de mim nele e mais a paixão e o esquecimento, o ódio e o amor, a pressa e a demora, a espera e o desespero, a troca.

E ao longo dos tempos, ao longo das trocas eu fui me fazendo nos meus outros, nos outros que me fazem todo dia. Sendo ele - o outro - separado e diferente diante de mim e no entanto, num instante nosso ele é meu eu, pois do que fazemos um ao outro nós nos fazemos:eu.

Quando em nada eu o reduzo a mim, a ser como eu. Hei-lo plenamente um outro eu, um eu inteiro nele e para mim, pois entre ele e eu não há nada mais do isto: o encontro, a morada do ser, a casa da pessoa.

Mas muitas vezes, quantas! Como! O meu outro é o isso, alguma coisa fora dele mesmo, nele e em mim. Tenho sobre ele um interesse, tenho muitos. E então submeto a pessoa ao objeto e esqueço a relação na experiência. E esqueço a troca afetiva no intercâmbio de produtos em que nos convertemos os dois: ele e eu.

Então o meu sujeito, o outro, é um objeto para mim e eu me reduzo para ser um objeto para ele. Quando o meu outro é um isso, um meu isso, eu me torno um isso para ele, um isso dele.

Quando o meu outro é um pleno tu, também eu, plena pessoa, sou um tu inteiro para ele

*e nós dois caminhamos de mãos juntas,
sabendo que não há um caminho para o encontro,
mas o próprio encontro é o caminho.”*

R.M. - Quando o Brandão falava da questão do livro “Sobre a Comunidade” do Buber, uma coisa interessante que ele tocou, e é muito verdadeira, era uma certa descrença que tinha Buber nas revoluções políticas. Há uma passagem no livro “Socialismo Utópico” em que ele diz que todas as revoluções vão resultar na mesma coisa: na substituição de gente no poder para fazer bobagens ainda maiores. Isto, se antes da revolução não houve o nascimento de um projeto cultural e existencial. E aí eu quis muito saber o que ele chamava de projeto cultural e existencial, e vou encontrar num dos escritos do Buber as idéias, as idéias de que a origem de tudo deve ser a conversão individual a princípios de vida dialógica, conversão individual, é isso que conta primeiro. Ele dizia mais ou menos o seguinte: “Não se trata de ou isso ou aquilo, ou conversão individual ou as revoluções estruturais, trata-se de que há uma sucessão nisso, na raiz de tudo estão as conversões individuais; havendo as conversões individuais, espontaneamente voltarão a ser criadas comunidades.”

Porque ele fala muito da morte das velhas formas comunitárias de vida, como sendo o grande problema do mundo contemporâneo. Se houver uma conversão individual à vida dialógica, de um , de outro e de outro, isso vai acabar gerando uma comunidade, e o surgimento das pequenas comunidades é que vai acabar se aglutinando e significando a recuperação da grande sociedade. Isso é um ponto de vista muito peculiar do Buber, o que lembrava muito bem o Brandão, porque ele não acreditava muito nessas reviravoltas políticas, estruturais, de revoluções e tudo mais. Ele dizia: “muda quem está no poder, e aí quem vai para o poder vai fazer as mesmas bobagens”. Na realidade é preciso mudar o pessoal que vai para o poder. É a conversão individual que precisa acontecer primeiro, porque aqueles que chegam ao poder têm que ter a generosidade, têm que ser compassivos, generosos e amorosos. Do contrário o poder se degenera em tirania, como nós temos visto acontecer.

CRB - Não sei que horas são e se alguém gostaria de fazer algumas perguntas, ao Régis é claro. Mas de qualquer maneira, eu gostaria, em nome do Régis, de fazer aqui um pequeno anúncio. O Régis fez um livrinho, que é um livrinho só no tamanho, porque são poucas páginas. “Poesia, minha poesia”. Lá no campos I ele me mostrou e leu uma poesia. Interessante que foram poemas feitos lá em Peirópolis, inspirados pela experiência do Régis pelo curso de “educação paz a paz, em que ele dá uma parte.

RM- São 37 ou quase 40 poemas com o título de “Cânticos para o horizonte”. Porque, naquele momento lá em Peirópolis, refletiu-se muito durante um curso que eu dei durante um Sábado todo e a manhã de Domingo, sobre essa questão de final de século, de um balanço de um século, de um balanço de um milênio, e sobre as perspectivas que, de repente, se abriam para o século XXI. E o que resultou de toda aquela conversa sobre o futuro foi muita esperança em relação ao século XXI, em relação ao próximo século, ao próximo milênio, a Era de peixes, a Era de aquário. Então, nós estamos vivendo um momento tão especial. Vejam, no encerramento de um congresso lá em Iugoslávia, o presidente do congresso disse uma coisa que muito marcou a todos; ele disse: “ou nós somos homens e mulheres do final do século vinte, seres humanos profundamente privilegiados, ou somos os parteiros de uma nova era, ou nós somos os caveiros de uma civilização”.

Eu vou tratar hoje à tarde, no curso da pós-graduação, do encontro entre ciência e mística. Então, vejam vocês, essa coisa que motivou. Foi uma coisa engraçada, Peirópolis me engravidou. Eu saí de lá, fui para a minha casa como se estivesse carregando um evento criativo dentro de mim e, então, a coisa nasceu lá em Peirópolis, debaixo daquelas árvores, como diz o prefácio do Brandão, que é mais bonito que o livro. E ele diz que debaixo das mesmas árvores ele escreveu o prefácio. Então, quando chego na minha casa, a minha esposa tem uma coisa muito interessante. Ela é sempre muito prática no modo de dizer as coisas; então ela disse: “você vai escrever.” Eu disse: “como é que você sabe?” “uai, porque você fica como galinha que quer pôr o ovo e não sabe onde.” Então, eu sabia que eu ia escrever, mas eu não sabia o quê. Eu estava assistindo uma partida de futebol, um jogo chato, tanto que o segundo tempo eu dormi inteiro sentado na poltrona. Mas como eu já estava de pijama, quando eu olhei que o jogo tinha terminado, dei graças a Deus. Fui embora feito criança, na pontinha do pé para cama. Deitei e os poemas começaram a vir, e aí não adianta resistir. Então eu levantei e nessa noite eu fiz metade quase dos poemas; e no dia seguinte, um Domingo, a outra metade. E eu tenho uma alegria muito grande de ter escrito esses “Cânticos para o Horizonte”, inclusive eu saí da minha característica poética, que é trabalhar a metáfora de uma maneira um pouco elaborada, às vezes demais. Eu tenho um amigo que é psicanalista e que diz: “pôxa vida, eu desvendo tanta gente aqui, agora, tem poema seu que eu não consigo desvendar.” Mas aí não. Eu saí da característica, eu saí para a conversa face a face. E saí muito convencido de que uma conversa face a face não pode ter salto alto. E aí nasceram esses poemas.

VF – (pergunta inaudível sobre Buber, como judeu, e o nazismo)

RM – Com o Nazismo, não é? Foi uma relação sofrida sim. Foi uma relação muito sofrida porque, vivendo entre guerras e vendo a ascensão do nazismo, quando o partido se torna

quase hegemônico na Alemanha, ele estava praticamente por iniciar a carreira acadêmica. Mas, como todo professor da Alemanha de seu tempo, para poder ensinar tinha que se inscrever no Partido Nazista. E ele desistiu da carreira acadêmica naquela hora e ele passou a escrever sobre a situação do judeu na Europa.

Foi uma relação sofrida sim. Agora, uma característica, uma coisa muito rara aconteceu com ele. É que ele não esteve em nenhum campo de concentração. Esse tipo de coisa não aconteceu com ele, porque durante a Segunda Guerra Mundial, ele já estava envolvido no Movimento Sionista e passando grande parte do tempo em diferentes países. Então, sempre que se fala de um judeu, um austríaco com ascendência judaica, nesse tempo, já se imagina que ele esteve num campo de concentração. Isso aconteceu com o grande psicanalista Victor Frank, que há um mês faleceu. Victor Frank esteve em três campos de concentração entre eles, Auschwitz, que foi o pior, e sobreviveu a isso tudo. Então, são estas coisas que só a transcendência explica. Porque a dele esposa foi assassinada na prisão pelos nazistas. O pai, nas mesmas prisões, foi assassinado; a mãe foi morta nas câmaras de gás em Auschwitz. O irmão, a mesma coisa. E quando terminou a guerra ele saiu de Auschwitz absolutamente só; não tinha mais família nenhuma. Victor Frank. E, no entanto, ele legou ao mundo uma das mensagens mais belas que o mundo conheceu, juntamente como a mensagem belíssima de Buber.

Ele escreveu num livro dele: “O Psiquiatra no Campo de Concentração”, ele escreve que quando ele saiu; quando os aliados ganharam e foram lá e tiraram os prisioneiros, pele e osso, e ele entre eles, e imundos, deram um tratamento para recuperar num hospital. Deram comida, porque eles estavam mortos de fome. Então ele falou que quando estava voltando num caminhão para Viena, descobriu, no caminhão, que tinha dois tipos de sobreviventes de Auschwitz. Porque havia um grupo no caminhão que dizia assim: “depois de tudo que nós passamos vimos não é possível que Deus exista.” E um outro grupo dizia: “depois de tudo o que nós passamos e vimos, só a misericórdia divina pode devolver o sentido às nossas vidas.” E ele diz: “De repente eu descobri que eu fazia parte desse segundo grupo”. Então a primeira entrevista que ele deu, ele inicia com estas palavras: “acabo de sair do inferno criado pelo nazismo, de três expressões desse inferno, e o que eu quero dizer ao mundo é que em toda situação a vida tem sentido.”

Victor Frank portanto viveu em campos de concentração e isso não aconteceu com Buber em razão de que ele triangulava, ele viajava fora da Europa em função do Sionismo, da luta pela criação do Estado de Israel.

Então, é essa mensagem de fé, de amor e de desejo do diálogo, em nossa vida como seres humanos e como educadores que eu quero deixar para vocês.

Muito obrigado a todas e a todos.

ST- Vocês colocaram a sabedoria, a sensibilidade, o modo bonito como vocês vêem o Ser Humano através da mensagem de Buber. E os olhares assim, que a gente notava em todos os presentes aqui acho que dizem mais do que todas as palavras que eu possa dizer. Muito Obrigado a vocês dois.

CRB- *Carlos Rodrigues Brandão*

RM- *João-Francisco Régis de Moraes*

ST- *Sueli Terezinha de Abreu Bernardes*

VF- *Voz feminina*